O Jornal do PSTU
Ano IX - Ed. 185
De 05 a 11/8/2004
Colaboração: R$ 2

O VALE-TUDO DAS ALIANÇAS ELEITORAIS

O ESCÂNDALO DAS COLIGAÇÕES DA ESQUERDA COM A BURGUESIA

PFL 25
PT
PSDB
PCdoB
P-SOL
PCO
PMDB

Págs. 6 e 7

Michael Moore: uma bomba contra Bush

Pág. 7

Caso Kroll: as tenebrosas transações do PT

Pág. 8 e 9

Correio Internacional: Não ao golpe na Venezuela

Encarte

AGRO-DELINQÜÊNCIA *Norberto Mânica, maior plantador de feijão do país, foi acusado como mandante do assassinato em Unaí (MG). Fiscais investigavam trabalho escravo na região.*

PRIMEIRO EMPREGO *A ONG Ágora, de Mauro Dutra, amigo de Lula, recebeu R$ 7,5 milhões do FAT. O Tribunal de Contas suspendeu a bolsa do programa Primeiro Emprego.*

POR ONDE ANDAVAS?

Henrique Meirelles, presidente do Banco Central, fisgado pela Receita Federal, justificou o fato de não ter declarado seus bens ao Fisco em 2001 por estar morando no exterior. No entanto, em 2002, ele foi eleito deputado federal por Goiás. O artigo 9 da Lei Eleitoral exige que os candidatos tenham filiação partidária e domicílio eleitoral de, no mínimo, um ano antes das eleições.

PÉROLA

"E se, de CUT, Força e CGT, nascer uma única central? Qual o problema? Eu acharia ótimo"

Luiz Marinho, presidente da CUT. (O Globo, 25/7)

QUER PAGAR QUANTO?

O governo teve de recuar na medida que iria proibir o pagamento de prestações em dinheiro. De olho nos trabalhadores informais e de baixa renda, o governo queria que todos os pagamentos de prestações e crediários só fossem feitos com cheques e cartões. Como a conta em banco é inacessível para mais de um quarto da população, ganhariam os bancos, que aumentariam o número de clientes, e o próprio governo, que arrecadaria mais com a CPMF.

CAÇA AOS SEM-TERRA NO PARANÁ

Sem-terra do Paraná foram recebidos a bala depois de tentar ocupar a fazenda Sta Filomena em Paranavaí (PR). Jagunços contratados por fazendeiros atiraram contra os sem-terra, causando a morte de um membro do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) e deixando outros cinco feridos. Reunido com integrantes da UDR, o dono da fazenda seguiu à caça dos sem-terra e promoveu uma cena de barbárie, ao espancar a chutes e pontapés um integrante do movimento. A cena foi exibida em rede nacional pela televisão. Apesar da presença da Polícia Militar do governador Requião (PMDB) no local, esta não fez absolutamente nada contra as agressões do fazendeiro.

Ivan Bernardo, candidato a prefeito pelo **PSTU** *em Paranavaí, denunciou que já sofreu ameaças de morte dos latifundiários da região e diz que Requião é conivente com os seus crimes. Ivan visitou o acampamento das famílias do MST e declarou que sua campanha estará voltada à luta pela reforma agrária.*

CHARGE / *GILMAR*

POVOS INDÍGENAS

Cerca de 500 indígenas favoráveis à homologação contínua da reserva Raposa/Serra do Sol fecharam o acesso à cidade de Uiramutã, em Roraima, no dia 29/07, após a localização de 10 áreas de garimpo dentro de suas terras. O governo federal continua se omitindo e postergando a decisão sobre a homologação contínua da reserva.

SANGRIA DESATADA

A Secretaria de Direito Econômico abriu processo contra 24 empresas, entre elas, 10 laboratórios estrangeiros, pelo desvio de cerca de R$ 390 milhões entre 1998 e 2001. Há suspeitas de que a Máfia do Sangue tenha atuado em outras áreas, como na compra de camisinhas e na liberação de produtos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária.

TOME NOTA

RIGOTTO - *O site da juventude do PSTU do Rio Grande do Sul estreou uma nova charge animada, com a resposta do governador aos professores em greve. Até Pedro Simon foi cantar com Germano Rigotto.* **www.pstu.org.br/juventuders**

CINEMA ENGAJADO - *De 3 a 15, acontece no Rio a II Mostra Internacional de Cinema Engajado – De Olhos Bem Abertos. A mostra, que tem como homenageado o cineasta boliviano Jorge Sanjinés, oferecerá debates e um apanhado de filmes militantes de todo o mundo, incluindo clássicos como "O Discreto Charme da Burguesia!, de Luís Buñuel. A mostra acontece no CCBB, no Centro.*

Detalhe de cartaz de 'O Discreto Charme da Burguesia'

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64
Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01321-010
e-mail: opiniao@pstu.org.br
Fax: (11) 3105-6316

EDITOR
Eduardo Almeida Neto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

CONSELHO EDITORIAL
Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates 'Mancha', Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary

REDAÇÃO
André Valuche, Cecília Toledo, Cláudia Costa, Diego Cruz, Fausto Barreira Filho, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Wilson H. Silva, Yara Fernandes, Yuri Fujita

PROJETO GRÁFICO
Gustavo Sixel

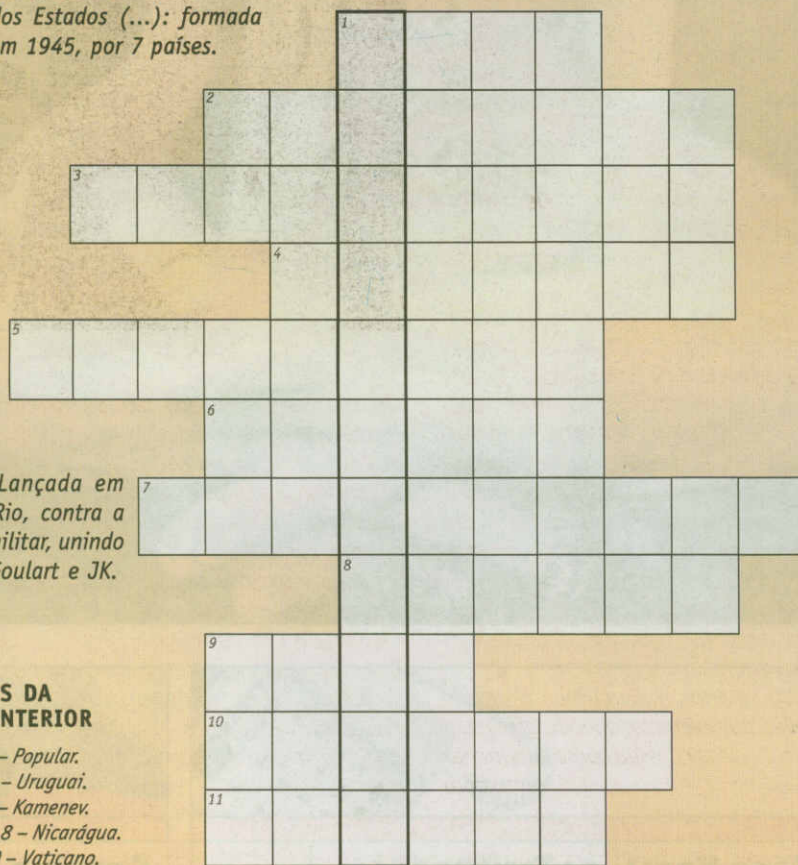
DIAGRAMAÇÃO
Gustavo Sixel e Mônica Biasi

IMPRESSÃO
Gráfica Lance
(11) 3856-1356

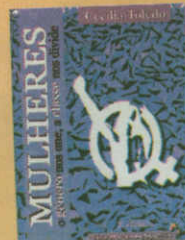
ASSINATURAS
assinaturas@pstu.org.br
www.pstu.org.br/assinaturas
(11) 3105-6316

PALAVRAS CRUZADAS

POR JULIANA OLIVEIRA

1. *Primeiro carro fabricado em linha de montagem, marcando o início da 2ª Revolução Industrial.* **2.** *Akira (...): cineasta japonês.* **3.** *Batalha em que Napoleão derrota os exércitos da Rússia e Áustria em 1805.* **4.** *(...) Internacional: criada em Londres em 1961 com o objetivo de defesa dos presos políticos.* **5.** *1º Presidente da China, chega ao poder após o triunfo da revolução de 1911.* **6.** *Escola Superior de (...): criada em 1948, terá um importante papel na conspiração pré-64.* **7.** *Poeta, agitador cultural e político soviético, siucuda-se em Moscou em 1930.* **8.** *Seleção vencida pela brasileira no jogo que inaugura o Maracanã na Copa do Mundo de 1950.* **9.** *A primeira emissora de TV da América Latina.* **10.** *Peça de Rui Guerra e Chico Buarque que discute a questão da traição durante a ocupação holandesa, liberada pela censura em 1980.* **11.** *Liga dos Estados (...): formada no Cairo, em 1945, por 7 países.*

Vertical: Lançada em 1966 no Rio, contra a ditadura militar, unindo Lacerda, Goulart e JK.

RESPOSTAS DA EDIÇÃO ANTERIOR

1 – Millor. 2 – Popular. 3 – Fatah. 4 – Uruguai. 5 – Mario. 6 – Kamenev. 7 – Duncan. 8 – Nicarágua. 9 – Lima. 10 – Vaticano.

SEDE NACIONAL
Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010
(11) 3105.6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ -R. Pedro Paulino 258 - Poço (82)336.7798 maceio@pstu.org.br

AMAPÁ
MACAPÁ - Av. Mãe Luzia, 1352 Jesus de Nazaré (96) 225.4549 macapa@pstu.org.br

AMAZONAS
MANAUS - R. Luiz Antony, 823 - Centro (92)234.7093 manaus@pstu.org.br

BAHIA
SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36 - Nazaré (71)321.3632 salvador@pstu.org.br

CEARÁ
FORTALEZA - CENTRO -Av. Carapinima, 1700 - Benfica fortaleza@pstu.org.br

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA - Setor Comercial Sul - Qd. 2 - Ed. Jockey Club - Sala 102 brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO
VITÓRIA - vitoria@pstu.org.br

GOIÁS
GOIÂNIA - R. 242, Nº 638, Qda. 40, LT 11, Setor Leste Universitário - (62)261-8240 goiania@pstu.org.br

MARANHÃO
SÃO LUÍS - R. dos Afogados, 169 sl 8 Centro (98)258-0550 saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO
CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 Jd. Leblon (65)9956.2942

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 3840144 campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE bh@pstu.org.br
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31)3201.0736
CENTRO - FLORESTA Av. Paraná 191, 2º andar - Centro
BARREIRO -Av. Olinto Meireles, 2196 sala 5 Pça Via do Minério

PARÁ
BELÉM - Tv. do Vileta, 2519 - (91) 226.3377 belem@pstu.org.br

PARAÍBA
JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391 -1º andar - Centro (83)241-2368 - joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ
CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29/4 - (41) 233-3485

PERNAMBUCO
RECIFE -Rua Leão Coroado, 20/1º andar, Boa Vista (81)3222.2549 recife@pstu.org.br

PIAUÍ
TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO - PRAÇA DA BANDEIRA - Tv. Dr. Araújo, 45 - (21)2293.9689 rio@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE
NATAL - CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201.1558

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE - Rua General Portinho, 243 (51) 3286.3607 portoalegre@pstu.org.br

SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104 Centro (48)225.6831 floripa@pstu.org.br

SÃO PAULO
SÃO PAULO saopaulo@pstu.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11)3313.5604

SERGIPE
ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 251-3530 aracaju@pstu.org.br

Veja o endereço de outras sedes em nosso site: www.pstu.org.br/sedes

TRABALHADOR VOTA EM TRABALHADOR

Este lema já foi a principal palavra de ordem do PT nas eleições de 1982. Naquele momento, as dezenas de milhares de ativistas das greves abraçavam entusiasmados a bandeira do partido. Eles eram educados na defesa da independência política da classe trabalhadora, com a convicção que os trabalhadores precisavam romper com a burguesia e seus partidos, para se reconhecer enquanto classe. Setores amplos das massas de trabalhadores aprenderam que os trabalhadores estão de um lado e os patrões de outro.

Atualmente, o PT está no governo federal aplicando um plano neoliberal e envolvido em inúmeros escândalos, negociatas e corrupção, como na privatização da Telebrás. Muitos fatores explicam a mudança do PT, incluindo a sua adaptação à democracia burguesa, seus cargos, suas verbas. Mas o abandono da defesa da independência de classe, seguramente, é um dos fatores mais importantes.

As alianças que o PT construiu com diversos setores da burguesia se transformaram em rotina. Na verdade hoje causa estranheza em muitos ativistas o PSTU criticar as alianças. O pensamento dominante é: "Assim não se pode ganhar as eleições". Por isso, é importante retomar a pergunta: "Para que serve ganhar as eleições, se não é para mudar o país?". O PT ganhou as eleições, mas quem mudou foi o PT, não o país.

A política econômica continua a mesma. A burguesia, "fundamental para ganhar as eleições", é a mesma que impõe a continuidade do neoliberalismo. A adaptação do PT é tão grande, que muitos de seus dirigentes estão mudando de classe. Deixam de ser burocratas sindicais e parlamentares para serem burgueses, como Gushiken, envolvido nos escândalos da privatização da Telebrás.

A consciência das massas sofreu um retrocesso quando o PT, no qual confiavam, girou à direita. Deixou-se de lado a consciência classista, para acreditar-se na "esperteza" das alianças eleitorais. Agora, penosamente, os trabalhadores podem retomar a consciência de classe, a partir do desastre do governo Lula, um governo dos patrões e não dos trabalhadores.

A ruptura com o governo petista, que já está ocorrendo, abre esta possibilidade de que milhares de trabalhadores entendam que os trabalhadores devem estar de um lado e os patrões de outro.

É uma pena que neste momento setores da esquerda que se reivindicam contrários ao governo Lula, como o P-SOL (e até o PCO), sigam a mesma postura de apoiar candidaturas burguesas e/ou do governo atual nesta eleição de 2004, causando estranheza nos ativistas.

O PSTU, com muito orgulho, traz nestas eleições, a tradição classista do "trabalhador vota em trabalhador". Somos oposição a este governo e a todos os partidos da burguesia. A bandeira da independência de classe continua viva.

FOTO ALEX LEME

FALA ZÉ MARIA

Raposas cuidando do galinheiro

José Maria de Almeida, o Zé Maria, é Presidente Nacional do PSTU e coordenador da Conlutas

MEIRELLES, CANGIOTA E CASSEB sempre foram ligados aos grandes bancos internacionais

As denúncias de sonegação fiscal e evasão de divisas publicadas pela revista IstoÉ revelam a podridão das alianças entre o PT com a burguesia. Segundo as denúncias da revista, o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, deixou de declarar à Receita Federal cerca de R$ 45 milhões em 2001. Seu funcionário no BC, Luiz Augusto Candiota, também foi acusado de não ter declarado contas abertas por ele nos EUA. Para tentar livrar a cara, Henrique Meirelles demitiu Candiota na quarta-feira 28 e acabou recebendo de Lula uma declaração de confiança.

No entanto, as denúncias não cessaram. Novas revelações envolvem o presidente do Banco do Brasil Carlos Casseb, que também teria contas, no mesmo banco que Candiota, que não foram informadas à Receita. Também foi denunciado pela CPI do Banestado que Casseb possui contas em paraísos fiscais, além da denúncia de escândalos envolvendo favorecimento à empresas privadas e ao PT.

Meirelles, Cangiota e Casseb antes de ocupar cargos no governo estiveram ligados aos grandes bancos internacionais ganhando salários milionários. Henrique Meirelles, por exemplo, quando presidiu o BankBoston teve Casseb como subordinado. Este por sua vez, trabalhou junto com Candiota do Citibank. São todos burgueses, representantes dos banqueiros e do capital financeiro internacional, acostumados a fazer grandes negociatas. Mesmo assim eles foram designados por Lula para ocupar os mais altos cargos nos bancos públicos brasileiros.

FOTO ELZA FIUZA / AG. BRASIL

Presidente do Banco do Brasil, Carlos Casseb

Enquanto esses banqueiros movimentam milhões em suas contas no exterior sem pagar um centavo ao Imposto de Renda, os trabalhadores do país são obrigados a pagar exorbitantes taxas de juros cobrados pelos bancos. No cheque especial, por exemplo, são cobrados mais de 100% ao ano, um verdadeiro roubo promovido pelos banqueiros. Isso para não dizer das taxas como a CPMF e as filas que a população enfrenta em todos os bancos do país. Além disso, os lucros recordes dos bancos não cansam de sair nos noticiários.

Esses banqueiros são responsáveis, juntos com Lula, pela atual política econômica de desemprego e arrocho. A simples presença desses agentes dos bancos internacionais é uma afronta à soberania do país. É preciso afastar imediatamente essa quadrilha dos bancos públicos e exigir o confisco de todos os seus bens. Agora, com os escândalos, ficou claro que Lula indicou raposas para cuidar do galinheiro.

DIGA-ME COM QUEM ANDAS, QUE TE DIREI QUEM ÉS

AS COLIGAÇÕES que vêm acontecendo nestas eleições com partidos que se diziam de esquerda são reflexos do vale- tudo eleitoral

EDUARDO ALMEIDA, da redação

É justificada a desconfiança dos trabalhadores e da juventude em relação aos partidos políticos. O oportunismo eleitoral, para eleger representantes a qualquer custo, leva a maioria absoluta dos partidos de esquerda a fazer alianças com partidos da burguesia.

O PT é o maior exemplo. Desde a década de 90 vem ampliando alianças com setores da burguesia. Para isso, adaptou seu programa e incorporou os burgueses em seus governos. Assim, conseguiu financiamentos de grandes bancos, empreiteiras, empresas de lixo e transportes, que depois das eleições cobram pelos seus serviços.

Os resultados dessa estratégia de alianças estão aí para qualquer um ver. O governo Lula, assim como as prefeituras petistas, são governos burgueses, tão neoliberais e corruptos como os partidos de direita.

Mas as alianças eleitorais sempre surpreendem. Alianças do PT com o PFL e o PSDB, incluindo setores latifundiários de ultra-direita, mostram o vale-tudo eleitoral. Infelizmente, essa estratégia foi assumida também por outros setores de esquerda, que se intitulam oposição ao PT, mas se aliam com a burguesia ou a partidos do governo.

O P-SOL, em várias cidades, aposta em candidaturas dos partidos governistas, ou mesmo da direita. Até o PCO, que se auto-intitulava de ultra-esquerda, capitulou ao oportunismo, apoiando candidaturas burguesas.

O PT não tem limites

COLIGAÇÕES incluem até UDR. Em Unaí (MG), o PT apóia Antério Mânica (PSDB), irmão e sócio do mandante do assassinato dos fiscais do trabalho

Nestas eleições, a direção nacional do PT definiu uma estratégia eleitoral para ganhar o maior número possível de prefeituras, buscando as mais amplas alianças. Isto não é nenhuma novidade para quem conhece o PT. Mesmo assim, alguns exemplos são impressionantes.

Em Minas Gerais, está coligado ao PSDB ou ao PFL nas eleições majoritárias (prefeito e vice) em 179 cidades. Todas as coligações foram referendadas pela direção estadual do partido.

Em Unaí, no noroeste do Estado, o PT está coligado ao PSDB, cujo candidato a prefeito, Antério Mânica, é irmão e sócio do suspeito de ser o mandante da chacina dos fiscais da Delegacia Regional do Trabalho (DRT/MG) e que é o maior produtor de feijão do Brasil, Norberto Mânica. A linha de investigação da Polícia Federal, divulgada nos jornais de Minas, aponta para a formação de um "consórcio" de produtores rurais, que teria planejado a execução dos fiscais. Norberto Mânica é o braço econômico da poderosa família e Antério é o braço político. A esquerda de Minas estava ciente disso, mesmo antes da conclusão do inquérito da polícia e, ainda assim, o PT se decidiu por essa coligação.

FOTO ANTONIO CRUZ / AG. BRASIL

Lindberg candidato à prefeitura de Nova Iguaçu, coligado com o PSDB e PFL

Em Porto Nacional, Tocantins, Paulo Mourão se filiou ao PT e é candidato a prefeito. Esse personagem é nada menos que o fundador da União Democrática Ruralista (UDR) na região. A UDR é a organização de ultra-direita dos latifundiários, ligada ao assassinato de muitos sem-terra no país. Neste caso, é o próprio PT quem tem como candidato um representante de UDR.

No Estado do Rio de Janeiro, Lindberg Farias, candidato do PT em Nova Iguaçu, tem como vice o deputado federal Itamar Serpa, do PSDB. Na coligação ainda estão o PFL e o PCdoB. Lindberg, ex-presidente da UNE, já foi do PCdoB e esteve no PSTU, rompendo para entrar no PT, na campanha de Lula. Atualmente é um exemplo do oportunismo vigente nesse partido.

Ainda naquele estado, em Niterói, o atual prefeito e candidato a reeleição, Godofredo Pinto (PT), tem na sua coligação o PFL, o PPS e o PCdoB. Na cidade do Rio de Janeiro, o candidato Jorge Bittar, do PT, fez uma coligação, tanto para prefeito como para vereadores, com o PTB, que traz como candidato o filho de Jair Bolsonaro, da ultra-direita militar.

Em São José dos Campos, São Paulo, o candidato petista às eleições, Carlinhos de Almeida, tem em sua coligação o PFL, o PTB e o PTC.

PCdoB: a coerência oportunista

Enquanto o PT girou à direita, a partir da década de 90, para fazer esse tipo de alianças, o PCdoB sempre manteve essa postura. O stalinismo defende a estratégia de alianças com a burguesia desde a década de 30. O PCdoB, por exemplo, esteve na coligação que elegeu Fernando Collor para o governo de Alagoas.

Atualmente, integra o governo Lula com dois ministros. Um deles é Aldo Rebelo, coordenador político do governo e um dos principais responsáveis pelas articulações no Congresso para a aprovação das reformas neoliberais e do salário mínimo de R$ 260.

O PCdoB também é parte integrante da maioria da direção da CUT, junto com a *Articulação*, sendo co-responsável pelo apoio às reformas Sindical e Trabalhista do governo, além de dirigir majoritariamente a UNE, apoiando a reforma Universitária do Banco Mundial.

Nestas eleições, em apenas três capitais, o PCdoB apresenta candidaturas próprias. Nas outras, apóia as candidaturas do PT.

Em Manaus, a candidata Vanessa Grazziotini é apoiada pelo PT, em uma coligação que inclui o PL, partido burguês do vice-presidente José de Alencar. Além disso, também está na coligação o PRTB, o atual partido de Collor.

FOTO ANTONIO CRUZ / AG. BRASIL

Vanessa Grazziotini, candidata do PCdoB em Manaus (AM)

Em Fortaleza, Inácio Arruda, do PCdoB, tem o apoio da direção nacional do PT (que desautoriza publicamente a candidata do PT à prefeitura, Luizianne de Oliveira). Inácio Arruda conta com o apoio do PL, do Prona (do ultra-direitista Enéas) e do PPS.

AS ESTRANHAS ALIANÇAS DO P-SOL

Apoio a candidata governista do Rio

JANDIRA é tão governista quanto a Jorge Bittar

ANDRÉ FREIRE, do Rio de Janeiro (RJ)

A grande imprensa vem dando destaque ao apoio da senadora Heloísa Helena, dirigente nacional do P-SOL, à candidata à Prefeitura do Rio de Janeiro pelo PCdoB, Jandira Feghali. Outros dirigentes do P-SOL, como o ex-deputado Milton Temer e o intelectual Carlos Nelson Coutinho estão integrados ativamente na campanha.

O P-SOL tenta apresentar a candidatura de Jandira com uma aparência de "independência" do governo federal, mas na essência essa candidatura é tão governista quanto a de Jorge Bittar, do PT. O fato de Jandira Feghali ter votado contra a reforma da Previdência escamoteia a maioria das votações na Câmara dos Deputados, onde ela apoiou medidas governamentais. Entre elas, a reforma do Sistema Financeiro, o projeto que institui as Parcerias Público Privadas e a operação abafa da CPI no caso Waldomiro Diniz.

Esperamos que os companheiros revejam essa posição absurda e desde já chamamos a que somem forças em favor da candidatura de esquerda do bancário Octacílio Ramalho, do **PSTU**, à Prefeitura do Rio de Janeiro.

Heloísa Helena apóia Jandira no Rio

Apoio a partidos burgueses em Maceió e Goiânia

EDUARDO ALMEIDA, da redação

O P-SOL se apresenta como uma alternativa de esquerda ao PT, mas infelizmente repete seus métodos em várias cidades do país. Uma parte de seus militantes, corretamente, apóia as candidaturas do **PSTU**.

Mas a mesma política do Rio de Janeiro é aplicada também em Maceió, com o apoio de Heloísa Helena a Régis Cavalcante, do PPS, o partido burguês de Ciro Gomes, ministro do governo Lula.

O candidato apoiado por Heloísa em Maceió acertou uma coligação que tinha como vice o senador Teotônio Vilela, do PSDB. Na véspera do registro da chapa, Teotônio Vilela recuou, e o PMDB (que também estava na chapa) retirou seu apoio, decidindo lançar um outro nome, agora do PMDB, à Prefeitura. Sobre isto, o PPS de Maceió publicou em seu site: *"Como era de se esperar, depois da renúncia do senador, o caminho natural do PSDB e do PMDB, seria a manutenção da coligação a ser formada com o PPS."* Mas, como isso não se deu, o PPS lamentou a retirada do apoio destes partidos, criticando sua "falta de ética". Vejam só, o candidato apoiado por Heloísa Helena em Maceió tentou, de todas as maneiras possíveis, acertar uma coligação com o PSDB e PMDB, que só não se concretizou porque estes partidos recuaram na última hora.

Uma das fitas mais divulgadas por Régis Cavalcante em seus carros de som, é a de Heloísa Helena apoiando sua candidatura.

Como o PPS é um partido burguês, não nos surpreende esta quase aliança com o PSDB e o PMDB. O que nos estranha é Heloísa apoiar este partido.

Outro escândalo de grandes dimensões, este em Goiânia, é a coligação do P-SOL com o PTC (Partido Trabalhista Cristão). A principal figura pública do P-SOL, o vereador Elias Vaz, segue filiado ao PV para poder concorrer à reeleição, já que o P-SOL não tem legenda. Elias está coligado com o PTC, tendo Rannieri Lopes como candidato a prefeito. O PTC é o antigo PRN, de Fernando Collor (que agora está no PRTB), o maior exemplo de corrupção deste país. O ex-governador de São Paulo, Celso Pitta, também se abrigou nesse partido por um período, depois dos escândalos nos quais se envolveu.

Elias Vaz é membro do MTL, uma corrente do P-SOL, que tem Martiniano Cavalcante, também de Goiânia, na Executiva Nacional do partido. É um exemplo do vale-tudo eleitoral muito semelhante a toda a trajetória do PT.

A aliança P-SOL e PTC em Goiânia, o apoio ao PPS em Maceió e o apoio ao PCdoB no Rio são incompatíveis com um partido que se propõe a ser uma alternativa ao PT. Renovamos o chamado ao P-SOL para construirmos uma frente nacional de oposição de esquerda e socialista ao governo Lula e seus representantes nos estados e municípios.

Os militantes desse partido devem exigir uma correção dos rumos do P-SOL, para que não terminem construindo um outro PT.

Quem diria: o PCO junto com o PMDB

O PCO (Partido da Causa Operária) sempre tentou ocupar o espaço da ultra-esquerda no país. Trata-se de um partido pequeno, em geral de características sectárias. Mas no último período deu um giro oportunista impressionante. Alguns exemplos ilustram esse giro.

Em Contagem, distrito industrial mais importante de Minas, o PCO está coligado com o PMDB, que tem como candidata à prefeita a esposa de Newton Cardoso, um político burguês muito conhecido por corrupção, uma espécie de Maluf mineiro. É como se, em São Paulo, o PCO estivesse coligado com Quércia.

Em Recife, o apoio é ao PHS (Partido Humanista da Solidariedade), que tem como candidato a prefeito o "Conde do Brega" (assim chamado por ser um cantor brega). Esse partido burguês é uma legenda de aluguel a serviço do governador do estado, Jarbas Vasconcelos, e em seu programa constam as seguintes pérolas:

Sobre a propriedade privada: *"O PHS considera a iniciativa privada uma das peças fundamentais para o desenvolvimento do País"*.

Sobre o capital estrangeiro: *"O potencial econômico do Brasil é muito superior àquele que a nossa atual capacidade empresarial é capaz de converter em riquezas efetivas (...). Nesse sentido, o PHS aceita as entidades estrangeiras a participar do esforço nacional de superação da fome e da miséria (...) o ingresso do capital de risco oriundo do exterior deve ser estimulado."*

Oposição de esquerda, sem alianças com o governo e com a burguesia, é o PSTU

Existe um grande risco para os ativistas que têm conhecimento dessas barbaridades: achar que todos os partidos são iguais e se render ao ceticismo.

Não faça isso. Existe uma alternativa. O **PSTU** não se rende à democracia burguesa. Não aceitamos as alianças com os partidos burgueses, nem apoiamos os partidos integrados a este governo neoliberal. Não entramos no vale-tudo eleitoral. Participamos das eleições para divulgar o programa socialista, as mobilizações dos trabalhadores e da juventude e a luta contra o FMI e a dívida externa .

Isso não é apenas uma postura ética. Trata-se da compreensão programática de que é necessário que os trabalhadores sejam independentes politicamente dos patrões, de seus partidos e de seus governos.

Não existirá nenhuma mudança neste país sem uma revolução socialista. E não haverá nenhuma revolução enquanto os trabalhadores seguirem aceitando os partidos burgueses, ou os partidos que integram governos burgueses (como o PT e o PCdoB).

O **PSTU** apresenta nestas eleições candidaturas comprometidas com as lutas dos trabalhadores, sem nenhum compromisso com a burguesia e o governo. Não aceitamos alianças ou apoio econômico da burguesia.

Isso, que já foi uma característica da esquerda no passado, hoje está expressa somente nas candidaturas do **PSTU**. Por si só já justificaria a nossa participação nestas eleições: manter vivas as bandeiras de esquerda e de independência de classe dos trabalhadores.

INDEPENDÊNCIA DE CLASSE

ROBERTO MARTIN, de Belo Horizonte (MG)

Segundo Marx, a burguesia e o proletariado são as classes fundamentais, antagônicas e inconciliáveis no capitalismo. Em sua busca por lucros, a classe dos capitalistas empreende a luta contra toda a classe trabalhadora.

Como dizia Lenin: *"Todos os patrões se unem em um mesmo interesse: manter os trabalhadores submissos e pagar-lhes o salário mais baixo possível"*. Nessa luta, a principal arma da burguesia é o Estado capitalista.

Da mesma forma, os trabalhadores se unem para a luta contra os patrões para não permitir que o capital lhes esmague, e para defender seu direito a uma existência humana.

O princípio da independência de classe do proletariado significa que os trabalhadores têm de elaborar um programa político independente da burguesia e construir suas próprias organizações sindicais e políticas para a luta contra a exploração capitalista em direção à revolução socialista. O Manifesto Comunista, escrito por Marx e Engels para uma organização de operários, é um marco da independência de classe do proletariado, a tomada de consciência da necessidade de se constituir em partido proletário independente.

Desde então, diversos teóricos reformistas têm se esforçado para convencer os trabalhadores a abandonarem a concepção marxista da independência de classe, divulgando suas idéias de conciliação no movimento operário.

SINDICALISMO A SERVIÇO DA ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO CAPITALISTA

Para Lenin, os sindicatos devem ser ferramentas dos trabalhadores para as suas lutas contra os patrões. Porém, para as correntes oportunistas os sindicatos devem "defender" os interesses dos trabalhadores em parceria com a burguesia.

Os reformistas dizem que é preciso, a partir da "racionalidade", juntar os "bons cidadãos", independentemente de sua classe social, para construírem juntos melhores relações sociais. Transformam assim o sindicalismo numa ferramenta a serviço da melhor organização da produção capitalista.

No Brasil, a CUT foi um marco da resistência e da luta independente dos trabalhadores, enfrentando os pelegos dos sindicatos atrelados aos governos militares. Mas, durante as décadas de 1980 e 1990, a direção da CUT iniciou um avanço em direção à conciliação, afastando-se da luta dos trabalhadores, adaptando-se às câmaras setoriais e restringindo a democracia interna.

Com o governo Lula, a CUT dá um salto de qualidade em sua integração ao Estado, passando a ter acesso às verbas deste e integrando diversos sindicalistas em postos-chaves do governo. Com isso, o governo de Lula, apoiado na CUT, através das reformas Sindical e Trabalhista, pretende destruir todos os sindicatos independentes que fazem oposição ao governo, preparando a destruição de direitos históricos dos trabalhadores.

A construção de uma nova alternativa de organização e direção das lutas dos trabalhadores se coloca como uma necessidade urgente para o resgate da independência de classe.

PT: DA INDEPENDÊNCIA À CONCILIAÇÃO DE CLASSES

No Brasil, a fundação do PT, em 1980, foi um grande avanço em direção à independência de classe, levando a maioria dos setores organizados do proletariado a romper com a política de conciliação com a burguesia levada pelos partidos stalinistas, o PCB e o PCdoB. Mas, ao longo da década de 90, o PT foi modificando essa política, até abandoná-la completamente, sendo hoje um fiel defensor da burguesia nacional do imperialismo.

Expressão teórica e prática desse abandono da independência de classe são as posições do ex-guerrilheiro e atual presidente do PT, José Genoino: *"(...) é preciso notar a relativa autonomia do social, do econômico e do político (...) Nesse ponto, posso dizer a todos, claramente, que fazem parte da disputa política realidades e problemas que não se explicam pela luta de classes"*.

Para Genoino, classe, luta de classes, política e socialismo são esferas autônomas. Tal posição serve somente para dizer que é possível ser socialista, sem defender a necessidade da revolução. Serve para enganar os trabalhadores, afirmando que é possível defender seu nível de vida sem ter de enfrentar a burguesia, votando no PT, pois como diz Genoíno *"a política é independente da luta de classes"*. E, principalmente, serve para eles defenderem que não é preciso destruir o Estado capitalista, pois este também não seria reflexo da estrutura de classes da sociedade, e a tarefa principal dos trabalhadores seria assumir o Estado e reformá-lo para atender aos interesses de "todos".

O MANIFESTO COMUNISTA, escrito por Marx e Engels, é um marco da independência de classe do proletariado

GOVERNO LULA: EXEMPLO DA IMPOSSIBILIDADE DA CONCILIAÇÃO DE CLASSES

Com o governo Lula, a direção do PT e os intelectuais reformistas puderam colocar em prática suas concepções teóricas acerca da conciliação de classes e da reforma pacífica do Estado. Militantes de esquerda e representantes do Capital passaram a administrar juntos o Estado burguês, dizendo que iriam "governar para todos". Passados quase 600 dias de governo, o aprofundamento das reformas neoliberais, a subordinação ao FMI e o conseqüente agravamento da crise social são a maior prova da impossibilidade de se conciliar os interesses de classe: Lula governa com e para a burguesia nacional e imperialista, e contra os trabalhadores.

O VELHO REFORMISMO DO "NOVO" P-SOL

De outra maneira, mas igualmente conciliatória, Carlos Nelson Coutinho, um dos principais ideólogos do P-SOL, defende a necessidade de revisar a teoria marxista.

Em seu texto "Grandezas e limites do Manifesto", Coutinho afirma que diferentemente das previsões de Marx, o capitalismo não necessariamente levaria a um aumento da miséria dos trabalhadores, e, por conseguinte, não acarretaria uma guerra violenta entre as classes.

Para Coutinho, uma vez que *"a conquista do sufrágio universal e a criação de sindicatos e partidos operários de massa obrigou o Estado capitalista a se abrir para outros interesses que não os da classe dominante"*, a reforma do Estado passa a ser a estratégia para os trabalhadores abdicando da revolução, que para ele pode (...) *"agora ser imaginada não mais sob a forma de uma 'explosão violenta' concentrada num curto lapso de tempo, como ainda o faz o Manifesto, mas sim de um movimento processual, de longa duração, que opera nos espaços progressivamente abertos pelas instituições liberal-democráticas"*.

O essencial para Coutinho é a luta pelas reformas do capitalismo. Mas, então, como explicar o aumento progressivo da miséria e da fome dos trabalhadores?

Ao não poder responder essa questão sem ir contra "sua própria" teoria, a defesa do comunismo por parte de Coutinho se dá então de forma escolástica, sem refletir a realidade social do capitalismo.

É verdade que Coutinho sempre defendeu uma política "aliancista" desde seus tempos no PCB, e depois no PT. Mas, ao que tudo indica, Coutinho não está sozinho dentro do P-SOL. A política de apoio a várias candidaturas burguesas e governistas no atual processo eleitoral mostra que a direção do P-SOL não defende a independência de classe, e repete a política de conciliação de classes dos velhos PCs e do PT em sua fase decadente.

MICHAEL MOORE, A POLÊMICA

NOVO FILME de Moore, Farenheit 11 de Setembro, divulga verdades que o poder pretendia ocultar. Nele ficam escancarados os bastidores da guerra de Bush

YARA FERNANDES, da redação

Michael Moore é um ser controverso. Como cineasta, conseguiu fazer do documentário um gênero campeão de bilheteria. Como personagem político, ataca Bush e sua guerra, mas defende os democratas. Entretanto, sua obra cinematográfica não é mero material panfletário. Ele apresenta de maneira simples, questionadora e com sua pitada pessoal de sátira, temas cuja discussão é necessária, mas a maioria da população não discute.

Na cerimônia de entrega do Oscar, quando Michael recebia o prêmio de melhor documentário por *Tiros em Columbine*, usou o microfone para dizer "Vivemos em tempos fictícios, em que resultados eleitorais fictícios elegem um presidente fictício, que nos manda para a guerra por razões fictícias". A cerimônia ocorria três dias após os primeiros ataques ao Iraque.

Michael é muito criticado, assim como a veracidade de seus documentários. Porém, ele já deveria prever que ninguém ataca Bush impunemente.

FARENHEIT 11 DE SETEMBRO

Numa época de guerra, em que o mundo expressa um sentimento anti-imperialista, o filme *Farenheit 11 de setembro* é uma bomba para George W. Bush. Isso explica o sucesso no Festival de Cannes: os mais de vinte minutos de aplausos e o prêmio Palma de Ouro.

Mas Michael Moore não fez somente um filme contra a guerra e contra Bush. É preciso talento para mostrar a cena do 11 de Setembro sem a imagem das torres e sem dizer uma palavra e, ainda assim, mostrar mais do que toda a imprensa.

O nome remete-se ao livro de Ray Bradbury, *Farenheit 451*, de 1953, que François Truffaut transformou em filme em 1966. O livro de Bradbury fala de um mundo dominado por uma organização totalitária que queimava livros, sendo que a temperatura necessária para isso é de 451 graus da escala Farenheit. A resistência consistia em decorar livros e divulgá-los.

Da mesma forma que na história de *Farenheit 451*, Moore divulga em *Farenheit 11/9* as informações que o poder quer ocultar. É a temperatura em que Moore faz a verdade arder.

Um exemplo é a cena em que Bush permanece lendo o livro infantil *Minha Cabra de Estimação* em uma escola por mais de sete minutos, após saber que a primeira das torres do World Trade Center havia sido atacada.

Moore fala da fraude nas eleições e mostra a vergonhosa cena de posse, com manifestantes gritando que era fraude e ovos sendo arremessados no carro de Bush. As relações comerciais que a família Bush mantinha com a família Bin Laden por décadas também são escancaradas. Nos dias seguintes ao 11 de Setembro o documentário mostra que ninguém podia voar de avião, mas a Casa Branca liberou jatos para retirar 24 membros da família Bin Laden dos EUA.

Fica claro que o maior beneficiário do ataque de 11 de Setembro foi Bush. Moore mostra nos rostos das pessoas a disseminação do medo e como esse medo manteve Bush no poder.

Farenheit 11 de Setembro não é melhor que *Tiros em Columbine* ou que *Roger e Eu*. Possui passagens problemáticas, que ridicularizam outros países com estereótipos, como Costa Rica, Marrocos e Romênia.

Contudo, não há dúvida de que o filme possui um importante papel político internacional e uma inegável qualidade cinematográfica. Como se explicaria o público rir num filme que fala sobre os horrores de uma guerra?

O político

A obra de Michael Moore é admirável. Porém, não se deve deixar de criticar suas posições políticas. Moore não esconde que colabora para que John Kerry vença as eleições. É preciso lembrar que o governo do democrata Clinton também fez guerras, também construiu a mesma sociedade do medo que Moore critica. É preciso lembrar que os democratas, incluindo Kerry, também votaram a favor da guerra.

Além disso, Moore também tem posturas conservadoras, como Bush. Muitas passagens de seus livros e filmes escondem preconceitos com outros países, como no próprio Farenheit 11 de Setembro.

Se Michael Moore, que disse nunca ter lido Marx, quisesse ser coerente com suas denúncias e com todos os aplausos anti-imperialistas que anda recebendo, teria de deixar de ser democrata. Não é apenas Bush ou os republicanos que criam os elementos que Moore critica. É a sociedade capitalista.

MOORE FALA da grande fraude nas eleições e mostra a cena de posse de Bush, com ovos arremessados contra o seu carro

OUTROS FILMES

Em seu primeiro filme, *Roger e Eu*, Michael Moore fala do fechamento de 30 mil postos de trabalho pela General Motors, na cidade de Flint, em Michigan, EUA, ao deslocarem as fábricas para o México em busca de mão-de-obra mais barata. Além de gerar milhares de desempregados para cortar despesas, o fechamento transforma Flint em uma cidade fantasma. É também um relato pessoal de Moore, que é filho de ex-trabalhador da General Motors de Flint. No filme, ele tenta durante três anos entrevistar Roger Smith, presidente da GM, sem obter sucesso.

Talvez seja a obra menos conhecida de Moore, mas é a mais classista, pois coloca frente a frente os interesses conflitantes de grandes empresários e trabalhadores.

Já *Tiros em Columbine* investiga a fascinação dos norte-americanos por armas de fogo. Moore visita cidades dos EUA onde moradores têm armas em casa. Entre elas está Littleton, no Colorado, onde fica o colégio Columbine. Lá, os jovens Dylan Klebold e Eric Harris mataram 14 adolescentes e um professor. Michael Moore faz uma visita ao ator Charlton Heston, presidente da Associação Americana do Rifle, que dias depois da tragédia foi a Littleton falar em defesa das armas.

A princípio, o filme parece ser só um discurso pelo desarmamento. Todavia, com pergunta atrás de pergunta, animações e humor, Moore conclui que a causa da violência não é a arma, mas a cultura do medo disseminada na sociedade americana.

OS LIVROS

Michael Moore não fez somente os documentários de maior sucesso de todos os tempos. Seus livros contêm os mesmos elementos satíricos e de denúncia. Seu primeiro livro, *Enxugue Isso!*, apesar do discurso protecionista, denuncia o desemprego causado pelas empresas, que buscam mão-de-obra barata e isenções em países de Terceiro Mundo.

O livro *Stupid White Man – Uma Nação de Idiotas* (2001) fala da fraude nas eleições de 2000, nas quais Bush foi eleito. Em 2004, Moore lança *Cara, Cadê meu País?*, no qual aprofunda os temas de *Farenheit 11 de Setembro*, fazendo críticas a Bush e à guerra. Para a edição brasileira do livro *Uma Nação de Idiotas*, Moore escreve um prólogo especial, em que afirma estarem ocorrendo "revoluções pacíficas" em muitos lugares sem que as pessoas tomem conhecimento delas. Como exemplos, cita o fim do *apartheid* na África do Sul, com a posse de Mandela, e a eleição de Lula no Brasil. O desinformado, nestes casos, é ele mesmo.

ESPIONAGEM EMPRESARIAL DESVENDA ENVOLVIMENTO PETISTA EM NEGOCIATAS

A REVELAÇÃO DE ESPIONAGEM de membros do primeiro escalão do governo demonstra o envolvimento do PT em grandes negociatas nas privatizações e nos Fundos de Pensão

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Segundo documentos revelados pelo jornal *Folha de S.Paulo*, de 22/07/2004, uma das maiores empresas de investigação do mundo, a *Kroll Associates*, foi contratada por Daniel Dantas, do banco *Opportunity* e controlador da maioria das ações da Brasil Telecom, para investigar a Telecom Itália, seus sócios e rivais na disputa pelo controle administrativo da empresa.

Nada de novo para o sórdido mundo empresarial. No entanto, as espionagens promovidas pela *Kroll* extrapolaram o mundo dos negócios e atingiram importantes membros da burocracia petista do Planalto.

O PRIMEIRO ESCALÃO ENVOLVIDO

A espionagem da *Kroll* trouxe à luz o envolvimento do ministro Luiz Gushiken com grupos privados de Previdência. O ministro foi sócio de uma consultoria, atualmente conhecida por Global Previ, formuladora do projeto de reforma da Previdência do governo Lula e que prestava serviços a grupos privados de Previdência complementar. O ministro participou ativamente da privatização da Previdência do país, defendendo todos os princípios reclamados pelo FMI e pelos bancos, principais operadores de Previdência privada do país.

Na verdade, Gushiken e outros setores do PT, a partir do aparelho de Estado, se tornaram burgueses, e são partes muito ativas do capital especulativo. A participação institucional de ex-sindicalistas na administração dos Fundos faz com que eles possuam interesses distintos dos trabalhadores, pois estarão sempre interessados em investir em rentáveis empreendimentos capitalistas.

Gushiken participou também da privatização da Telebrás, sendo integrante da montagem do grupo vencedor do leilão, por meio de sua influência sobre os cinco Fundos de Pensão estatais (Previ, Petros, Funcef, Sistel e Telos) com o banco *Opportunity*, de Daniel Dantas (ligado ao PFL), e a Telecom italiana. Depois, já com Gushiken no governo, um conflito com esse banco sobre o controle acionário da empresa levou ao escândalo de espionagem atual.

A influência de Gushiken e do PT sobre os fundos estatais é antiga e revela que o ministro continua fazendo grandes negócios a partir do seu gabinete.

A INFLUÊNCIA de Luiz Gushiken e do PT sobre os fundos estatais é antiga

Outro figurão do governo que sofreu espionagem foi o presidente do Banco do Brasil, Carlos Casseb. Velho conhecido dos banqueiros e dos empresários, Casseb atuou em instituições financeiras, como o *Citibank* e o *BankBoston* (na época em que este era presidido por Henrique Meirelles), e também foi membro do conselho da Telecom Itália. A *Folha* denunciou que Casseb chegou a se reunir com empresários da Telecom Itália, mas não revelou o conteúdo da reunião. Atualmente, Casseb também está sendo investigado por não ter declarado contas milionárias no exterior ao Imposto de Renda.

O escândalo provocado pela espionagem empresarial feita pela *Kroll* expõe duas das caixas-pretas da corrupção empresarial do país, que envolveram e continuam a envolver os governos de plantão: a privatização do sistema Telebras e os Fundos de Pensão das estatais.

ENTENDA O CASO

1) *Em 1998, a Telebrás foi privatizada. O consórcio liderado pelo Opportunity, do banqueiro Daniel Dantas, formado pela Telecom Itália e pelos Fundos de Pensão das estatais, adquiriu a Tele Centro Sul (Brasil Telecom), por R$ 2,07 bilhões. Graças a um acordo com os Fundos de Pensão, o Opportunity conseguiu o controle administrativo.*

2) *A Telecom Itália iniciou a disputa com o Opportunity pelo controle da empresa. O banqueiro Daniel Dantas contratou a Kroll para espionar supostas irregularidades na Telecom Itália. No entanto, as investigações da Kroll extrapolaram o mundo empresarial e atingiram dirigentes do governo federal.*

3) *A Kroll investigou o ministro Gushiken e Carlos Casseb (presidente do BB). Segundo a Kroll, os dois orientaram os Fundos de Pensão das estatais, já no governo Lula, a romperem acordos que garantiam à Opportunity o controle da Brasil Telecom.*

AS PRIVATIZAÇÕES FRAUDULENTAS DAS TELECOMUNICAÇÕES

Superfaturamentos, envio de dinheiro para paraísos fiscais, privatizações financiadas com dinheiro público e promíscuas relações envolvendo o governo federal e a iniciativa privada. Essa é a síntese da privatização da Telebras.

O escândalo da espionagem da *Kroll* não é o primeiro e, provavelmente, não será o último relacionado ao processo de privatização das Telecomunicações do país. Conhecida como a maior privatização já realizada, foi também uma enorme fonte de maracutaias.

O sistema Telebras foi vendido em 1998, por R$ 22 bilhões a diversas empresas, a maioria estrangeira, a um valor muito abaixo das primeiras estimativas feitas pelo governo FHC, que chegavam a R$ 35 bilhões. Preparando-se para vendê-la, o governo FHC, nos dois anos anteriores à privatização, investiu cerca de R$ 21 bilhões em infra-estrutura no setor de Telecomunicações. Durante a venda, o governo "emprestou", através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), mais R$ 8 bilhões do dinheiro público para empresas privadas poderem "comprar" a Telebrás, tendo, portanto, um enorme prejuízo.

A explicação para isso é simples: acossado pela fuga de capitais de banqueiros e especuladores na crise de 1998, o governo via na venda da Telebras uma oportunidade para captar dólares e adiar a crise do Real até as eleições daquele ano e garantir sua reeleição.

OS ESCÂNDALOS

Semanas depois da privatização, a mídia do país revelava gravações em que o então ministro tucano das Telecomunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros e o presidente do BNDES, André Lara Resende, conversavam com lobistas e revelavam informações privilegiadas para grupos que participavam do negócio. Nessas gravações, o governo do PSDB privilegiava o grupo *Opportunity* na compra da Tele Norte-Leste. O próprio FHC, na época, pressionou o Fundo de Pensão do Banco do Brasil – Previ – a se associar ao consórcio liderado pelo banco *Opportunity* de seu amigo Daniel Dantas.

FOTO ZULMAIR ROCHA / AG. ESTADO

Protesto no leilão da Telebras, no Rio de Janeiro, em 1998

Da divisão da Telebras surgiram 12 empresas, sendo 8 de telefonia celular, que estabeleceram o mando e o desmando do monopólio privado no setor. A tal "universalização" das Telecomunicações, propagada por FHC, revelou-se uma farsa. Durante a privatização da Telebras, o governo autorizou que todos os contratos de concessão fossem corrigidos pelo IGP-M, ou seja, permitindo às empresas impor reajustes muito acima da inflação. O resultado é que as tarifas subiram cerca de 512%, desde a privatização até julho de 2003. Segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), mais de 49 milhões de linhas telefônicas estão ociosas, porque muitas pessoas não conseguem pagar mais as contas telefônicas.

FOTO ROOSEVELT PINHEIRO / AG. BRASIL

FUNDOS DE PENSÃO PARTICIPARAM ATIVAMENTE DE PRIVATIZAÇÕES

Os Fundos de Pensão das empresas estatais foram criados para garantir a aposentadoria complementar dos empregados dessas empresas. Os três maiores fundos são a Previ, do Banco do Brasil; a Petros, dos funcionários da Petrobras; e a Funcef, da Caixa Econômica Federal. Só o patrimônio da Previ, o maior do país, supera R$ 43 bilhões.

Seus recursos deveriam garantir uma aposentadoria digna a milhares de trabalhadores, entretanto, são investidos no cassino das Bolsas de Valores, sujeitos a toda espécie de variações especulativas.

Os fundos colaboraram ativamente no processo de privatização das estatais. A participação acionária nessas empresas e, portanto, seu lucro, é o que assegura a rentabilidade dos fundos. Claro que, para isso, apoiaram as medidas pós-privatização: demissões em massa, arrocho salarial e precarização das relações de trabalho. Ou seja, toda sua renda está calcada da superexploração do trabalho.

Metade da carteira de ações da Previ, por exemplo, é composta por empresas que foram privatizadas. Sua participação ativa no programa de privatizações lhe rendeu parte das ações de 11 ex-estatais, o que proporciona um rendimento milionário. Além disso, a Previ possui em torno de R$ 15 bilhões na Bolsa de Valores. Se ela resolver sair do negócio, a bolsa quebra.

Durante a privatização da Vale do Rio Doce, "doada" pelo governo FHC por R$ 3,3 bilhões, ao consórcio liderado pelo empresário Benjamin Steinbruch, a Previ entrou com a metade do valor da compra. Nesse episódio, o então deputado federal pelo PT, Aloísio Mercadante, aconselhou os diretores petistas da Previ a comprarem ações da empresa, sob o argumento de que aquela devia continuar nas mãos de empresários brasileiros.

O governo FHC também utilizou o dinheiro da Previ para garantir a meta de superávit com o FMI. O pagamento da dívida do Imposto de Renda da Previ, no valor de R$ 1,7 bilhão, foi o que permitiu ao governo cumprir o superávit de 2002.

De sindicalistas a homens de negócios

Com o fim do governo tucano, houve uma completa reestruturação do comando da Previ. A presidência passou para as mãos do ex-sindicalista bancário Sérgio Rosa, filiado ao PT e ex-membro da Articulação Sindical. *Sérgio também foi vereador pelo partido em São Paulo e presidente da Confederação Nacional dos Bancários por duas gestões. Durante o governo FHC, foi diretor da Previ. Embora declarasse ser contra as privatizações, justificava desta forma as rentáveis participações acionárias da Previ nas ex-estatais:* "se os movimentos sociais esgotarem todos os canais de resistência, a Previ pode – aliás, deve – entrar até para assegurar que esse capital permaneça no país".

Sua nomeação na presidência teve a participação direta do presidente Lula e do ministro Luiz Gushiken. Sérgio Rosa tem o poder de indicar 286 conselheiros para o comando das 85 empresas que o fundo de pensão participa.

ALTOS SALÁRIOS

Dos seis diretores executivos da Previ, cinco são filiados ao PT e pelo menos três foram sindicalistas da categoria bancária. Há vários outros ex-sindicalistas ligados à Articulação *ocupando outros postos nos Conselhos Administrativo e Financeiro da Previ. Segundo o jornal* Correio Braziliense *(15/02/2003), os salários mensais dos membros dos conselhos variam entre R$ 8 mil e R$ 15 mil, que podem ser ainda maiores se os diretores e conselheiros forem indicados para os Conselhos Fiscal ou Administrativo das empresas nas quais a Previ tem participação acionária.*

Uma simples participação em uma reunião pode render até R$ 8 mil por mês, como é o caso da Telemar. A União Nacional dos Acionistas Minoritários do Banco do Brasil denunciou casos de diretores do Fundo que estão recebendo salários que ultrapassam R$ 25 mil mensais. O Jornal do Brasil *(09/12/2001) denunciou o caso do próprio Sérgio Rosa que ganhava R$ 7,5 mil de salário como diretor da Previ e recebia outros R$ 12,5 mil como conselheiro administrativo da Telecom. Além disso, o ex-sindicalista recebia mais R$ 2,5 mil de auxílio-moradia. Um caso de polícia. Enquanto alguns se beneficiam, os bancários amargam demissões e arrocho.*

É preciso afastar Gushiken e investigar as falcatruas

O escândalo da espionagem, ao revelar a participação de membros do governo em grandes negociações empresariais, mostrou que é necessário investigar a fundo essas relações. Para isso, o ministro Luiz Gushiken deve ser afastado imediatamente do seu cargo e submetido à mais ampla investigação, inclusive tendo seus bens, contas bancárias e atividades empresariais investigadas.

A espionagem trouxe à luz novamente o processo fraudulento da privatização da Telebras. Para acabar com a corrupção e os abusos cometidos pelas empresas de telefonia, é preciso reestatizar essas empresas, sem indenização. É necessário também abrir a caixa-preta dos Fundos de Pensão das estatais, como a Previ, por exemplo.

O controle desses Fundos deve passar para as mãos dos trabalhadores, seus atuais dirigentes devem ser exonerados e submetidos a uma ampla investigação. É preciso acabar com os milionários salários dos dirigentes dos Fundos de Pensão; todos devem receber o mesmo salário que recebiam quando estavam trabalhando nos bancos.

ZÉ MARIA E VERA GUASSO DEIXAM A CUT

NO DIA 27 DE JULHO, o diretor da Federação Democrática dos Metalúrgicos de Minas Gerais José Maria de Almeida, apresentou seu afastamento da Executiva da central. Diante da adaptação ao governo e ao próprio Estado que a CUT sofreu nos últimos anos, Zé Maria vai agora discutir na base a necessidade de desfiliação das entidades. Leia os principais trechos da carta enviada por José Maria à direção da CUT

***ZÉ MARIA** – diretor da Federação Democrática dos Metalúrgicos de Minas Gerais*

Iniciamos na base dos sindicatos onde estamos presentes, o debate para desfiliação da CUT. A Federação da qual sou diretor iniciou esta discussão em seu último congresso, seguida de mais 16 sindicatos de Minas Gerais. Este gesto vem sendo acompanhado por vários sindicatos, que representam trabalhadores do setor público e privado em todo o país.

As razões desse nosso gesto estão nas transformações vividas pela CUT, particularmente depois da posse de Lula. A partir dos compromissos com a base do governo (PT e PCdoB), a Central passa a apoiar o modelo econômico implantado por Lula e sua equipe, que segue o mesmo modelo econômico do FMI contra o qual lutamos desde que fundamos a CUT.

Decepcionados, os trabalhadores buscam o caminho da luta para seus problemas e encontram a CUT na trincheira oposta, defendendo o governo. O discurso de dirigentes da CUT, contra a política econômica, mas a favor do governo, só torna mais grotesca a situação. Como ser contra o massacre dos trabalhadores e ser a favor de quem está massacrando?

É preciso avançar na construção de uma alternativa. É esse o esforço que várias entidades e movimentos sociais estão fazendo, com a organização da Conlutas. Uma Coordenação onde participam entidades filiadas à CUT ou que não são filiadas a nenhuma central, e que tem se constituído como um espaço de luta contra as reformas de Lula e seu modelo econômico.

Afasta-se junto comigo a companheira Vera Guasso, gesto que deve ser acompanhado por nossos companheiros que ocupam cargos nas instâncias estaduais da CUT. O pedido é de afastamento e não demissão, para respeitar o tempo necessário para que esta discussão chegue até a base que representamos na CUT.

São Paulo, 27 de julho de 2004

ENTREVISTA / AMARILDO SILVA

"A CUT ficou definitivamente ao lado do governo"

Sindicatos de luta de todo o país aderem à Coordenação Nacional de Lutas. O Sindicato dos Servidores da Justiça do Rio de Janeiro (Sindjustiça), definiu, em seu congresso, a integração definitiva à Conlutas. O diretor presidente do sindicato, Amarildo Silva, falou da importância da construção de uma nova alternativa de luta.

OS: Qual a importância da Conlutas hoje para a luta dos trabalhadores?

Amarildo: Aprovamos, no congresso de nosso sindicato em Araruama, no começo de julho, a entrada definitiva na Conlutas, apesar de já virmos participando da Coordenação. Acho que a Conlutas hoje é uma alternativa de organização dos trabalhadores, já que a CUT ficou definitivamente ao lado do governo.

Você acha que a CUT tem volta?

Tem gente lá que acha isso. O pessoal da esquerda do PT, do P-SOL. Eu, na verdade, desde 2001 não acredito mais na CUT. Já naquele ano discutimos a filiação de nosso sindicato à central e fui contra, por entender que a CUT não serve mais aos trabalhadores. Para nós, a Conlutas hoje pode ser o embrião de uma nova central alternativa ao governismo da CUT.

MOVIMENTO

PETROLEIROS INICIAM CAMPANHA SALARIAL

NO DIA 3 DE AGOSTO os petroleiros entregaram suas reivindicações à direção da Petrobras, com atos e paralisações. No dia 11, a categoria estará novamente mobilizada e deverá aprovar uma greve contra a 6ª rodada de licitação das reservas petrolíferas

***EDUARDO HENRIQUE**, empregado da Petrobras – Rio de Janeiro (RJ)*

Os petroleiros reivindicam, entre diversos pontos, aumento real de 5%, reposição da inflação pelo ICV/DIEESE e gatilho salarial. A oposição aprovou em diversas assembléias a exigência de que a Federação Única dos Petroleiros (FUP) inclua na pauta a recomposição salarial relativa aos governos anteriores. Outros motes da campanha são o fim das discriminações dos novos, aposentados e terceirizados, que têm direitos trabalhistas diferenciados, e a anistia aos trabalhadores punidos em mobilizações passadas. No dia da entrega da pauta, os petroleiros realizarão atos, atrasos e paralisações. Essas mobilizações também terão como eixo o cancelamento da 6ª rodada de licitação das reservas petrolíferas, marcada para 16 e 17 de agosto.

Outra reivindicação é em relação à segurança no trabalho. Na mais lucrativa empresa do país, os acidentes fatais não cessam. No último dia 22, um helicóptero caiu na Bacia de Campos (RJ), matando seis petroleiros terceirizados.

QUE A BASE CONTROLE A CAMPANHA

Se os petroleiros sempre demonstraram disposição de luta, o mesmo não se pode dizer da maioria da direção da FUP, hoje atrelada ao governo Lula e a sua política de submissão ao FMI. Portanto, os governistas da FUP vão fazer de tudo para chegar a um acordo rebaixado, que não se choque com a política econômica do governo.

Para impedir manobras, é preciso que a base controle a campanha reivindicatória, elegendo comandos de mobilização e negociação. Esses comandos devem garantir a implementação do calendário de luta e manter a categoria informada das negociações.

PUNIÇÃO POLÍTICA

Coaracy Guimarães, técnico da Petrobrás há 26 anos, foi arbitrariamente transferido de setor e teve o regime de trabalho modificado, com grande perda salarial. A punição foi depois que o empregado discordou publicamente de encaminhamentos gerenciais. A punição é retaliação por todo um processo de lutas.

O setor de Coaracy desenvolve alguns dos produtos de maior prestígio, como a gasolina de Fórmula 1 e a gasolina Podium. Coaracy, recentemente, foi premiado por sua excelência técnica. Em governo de ex-operários e sindicalistas, o espeto é de pau...

ENVIE E-MAILS PARA: *basecenpes@yahoo.com.br*

GOVERNO LULA TRAI APOSENTADOS

MP INSTITUI PRAZO de até oito anos para pagamento das correções da dívida do governo com os aposentados

DIEGO CRUZ,
da redação

"Nos sentimos traídos pelo governo". Foi desta forma que grande parte dos aposentados definiu a Medida Provisória editada pelo governo no dia 26 de julho, que trata das correções às aposentadorias concedidas pelo INSS entre março de 1994 e fevereiro de 1997. A dívida que o governo acumula com os aposentados chega a R$ 12,3 bilhões.

PARA NÃO desagradar os empresários, o governo desistiu de taxá-los em 0,6%

A origem dos recursos para o pagamento da dívida foi motivo de polêmica. O governo cogitou a hipótese de elevar em ínfimos 0,6% a taxação previdenciária sobre os empresários. Porém, com as manifestações de desagrado do empresariado, apoiado fielmente pela Força Sindical, o governo Lula não teve dúvidas e bateu o martelo. As verbas sairão do mesmo lugar de onde saem os recursos para pagar os juros da dívida externa ao capital internacional: dos cofres públicos. Ou seja, o governo vai cortar ainda mais recursos do orçamento para não "penalizar" os empresários.

REGRAS INJUSTAS

Como se isso não bastasse, o governo estabeleceu regras que dificultam ao máximo o recebimento das correções. Para começar, fixouo teto da dívida em 60 salários mínimos. O aposentado cuja correção ultrapassar esse valor, simplesmente ficará sem receber o que exceder o limite imposto pelo governo. O pagamento será parcelado, sendo que a primeira metade das parcelas totalizará apenas um terço da dívida. Desta forma, o governo joga para a próxima gestão a maior parte da dívida.

O prazo para o pagamento das parcelas é outra cruel regra que o governo impõe aos aposentados. Desrespeitando o alardeado Estatuto do Idoso, as regras discriminam os aposentados ao instituir pagamento diferenciado de acordo com a idade e com o valor a receber. Quem tiver mais de 70 anos e a correção corresponder até R$ 2 mil receberá no prazo de dois anos. Porém, isso representa apenas 0,5% dos 1,88 milhão dos aposentados com direito à correção. O restante dos aposentados receberá no prazo de seis a oito anos.

Recente pesquisa do Dieese estima, no entanto, que cerca de 146 mil aposentados com direito à revisão não estarão mais vivos daqui a oito anos.

SAIBA MAIS

PREJUÍZOS DA MEDIDA PROVISÓRIA

- *O pagamento será parcelado em até oito anos. A maioria dos aposentados se enquadra nessa correção.*
- *Apenas um terço do pagamento será realizado até a metade do parcelamento.*
- *Décimos-terceiros salários não entram na conta.*
- *O pagamento é limitado a 60 salários mínimos.*
- *Para aderir ao acordo, o aposentado abrirá mão de processos na Justiça e não poderá pedir revisão futura da aposentadoria.*

CUT apóia acordo do governo

Luis Carlos Prates, 'Mancha', discursa no pátio da General Motors

O acordo para o pagamento das correções teve, em sua formulação, a participação ativa de sindicatos de aposentados ligados à Força Sindical e à própria CUT. O presidente da CUT, Luiz Marinho chegou a declarar que "espera que os aposentados desistam das ações judiciais e assinem o acordo com o governo". *Para o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região e candidato do PSTU à prefeitura da cidade, Luiz Carlos Prates (Mancha),* "o fato do chamado Sindicato Nacional dos Aposentados da CUT estar apoiando este acordo vergonhoso é mais uma demonstração de até onde vai o caráter governista desta central que não representa mais os trabalhadores".

Mancha ainda critica o destino que o governo Lula dá ao orçamento e faz um chamado às entidades de aposentados: "O governo Lula já economizou este ano R$ 46 bilhões para cumprir as exigências do FMI, esse valor daria para pagar três vezes a correção integral aos aposentados. É hora das associações romperem com a Força Sindical e a CUT, somando-se à Conlutas na construção de uma direção dos trabalhadores".

Greve arranca vitória e prepara luta contra reforma

JOSÉ EDUARDO GALVÃO,
estudante da Unicamp e do Comando de Greve

A radicalização da greve da USP, Unesp e Unicamp obrigaram o Cruesp (conselho de reitores das três estaduais) e o governo Alckmin a conceder um reajuste de 2% em maio e 2,14% em agosto. Além disso, a greve teve conquistas: nenhuma punição pelo exercício de greve, e por ações ligadas legitimamente à paralisação, o não desconto dos dias parados e o Cruesp se comprometeu a fazer uma rodada de reuniões com as entidades sindicais e estudantis para discutir assistência estudantil, reforma Universitária e contratação de docentes e funcionários.

Os estudantes saem da greve com um avanço em sua organização. O II Encontro Estadual de Públicas, em Campinas (SP), deliberou a articulação da Coordenação Estadual de Lutas. O Encontro também aprovou o lema: "a UNE e a UEE/SP não falam em nosso nome".

FOTO DIEGO CRUZ

Manifestação no Palácio do Governo é reprimida com jatos d'água

A Coordenação será um contraponto ao imobilismo da UNE e da UEE, controladas pela UJS/PCdoB e Democracia Socialista, *que não moveram uma palha durante toda a greve. Para isso, é preciso que a* Força Socialista *e o PSOL se lancem de fato na construção de uma alternativa de luta para o movimento estudantil.*

O próximo desafio é a luta contra a reforma Universitária de Lula e do FMI. É fundamental a organização de um grande ato estadual contra a reforma no dia da audiência do MEC, 17 de agosto, como parte da Jornada Nacional de Lutas Contra a Reforma.

Vanessa Portugal, candidata à Prefeitura de Belo Horizonte

CANDIDATURA DE ESQUERDA GANHA VISIBILIDADE EM BH

VANESSA PORTUGAL é trabalhadora da Educação, e está disputando as eleições à prefeitura de Belo Horizonte (MG). De acordo com a última pesquisa do IBOPE, Vanessa está com 3% das intenções de voto, e sua campanha começa a furar o bloqueio imposto pela mídia

Como está a eleição em Belo Horizonte?

Os candidatos são o atual prefeito, Fernando Pimentel, do PT, que tem o PTB como vice. A oposição burguesa rachou. O PSDB, do governador Aécio Neves, apóia a candidatura do deputado João Leite, do PSB, com o PMDB de vice. E o PFL lançou o ex-ministro da Previdência, o deputado Roberto Brant, com o PDT de vice. Nós do **PSTU** lançamos nossa chapa e dez candidatos à Câmara Municipal. Belo Horizonte é governada, em composição, pelo PT e PSB há doze anos. A polarização entre os dois partidos é uma farsa, pois representam o mesmo projeto.

O primeiro debate, por exemplo, do qual fomos excluídos, foi ridículo. Até os grandes jornais ironizaram a hipocrisia e a cordialidade dos três candidatos. São todos representantes do mesmo modelo econômico, da submissão ao imperialismo.

Quais os maiores problemas enfrentados pelo povo de Belo Horizonte?

As administrações municipais do PT e do PSB se enfrentaram com os pobres e governaram para os ricos. Os perueiros foram retirados do centro da cidade na base da pancada. Os camelôs estão sendo transferidos para shoppings populares, com aluguéis caríssimos e disputando barraquinhas com comerciantes ilegais e contrabandistas. Para esses, o governo faz vista grossa. Durante uma das greves dos trabalhadores em Educação, que é a minha categoria, a prefeitura chegou a afirmar que era preciso "quebrar o sindicato". Agora está atacando a organização e a democracia dentro das escolas, botando verdadeiros "capitães do mato" para inspecionar os educadores. Já o PSB, o PFL e o PSDB no governo estadual também têm se enfrentado com o funcionalismo e abandonado a população. Os trabalhadores da rede hospitalar estão em greve e sem perspectiva de negociação. Pessoas estão sofrendo sem atendimento, mas Aécio Neves quer derrotar os trabalhadores, apostando no cansaço dos grevistas.

E quais são as propostas que a sua campanha apresenta?

Em BH existe uma promiscuidade na relação da Prefeitura com os tubarões do transporte coletivo. O metrô não avança até o Barreiro e Venda Nova, regiões da periferia, devido ao *lobby* dos empresários. A qualidade do transporte é ruim, não existe licitação, mas o lucro é

> "Não vamos nos pautar pelas pesquisas. Vamos continuar insistindo que só a luta dos trabalhadores muda a vida."

garantido. É o capitalismo sem risco, implantado pelo PT. Nós defendemos a criação da empresa municipal e a municipalização, com isenção de tarifas para estudantes e desempregados. Outro escândalo é a terceirização. A coleta do lixo e a varrição já estão com 80% da mão-de-obra terceirizada. Boa parte dos auxiliares de escola também. São justamente os trabalhadores mais explorados. Essa situação precisa ser revista. A verdade é que esses setores privilegiados são financiadores das campanhas do PT.

Você apareceu na primeira pesquisa IBOPE com 3%, à frente do candidato do PFL. Como explica isso?

Nós não vamos nos pautar pelas pesquisas. Se esse espaço se confirmar, significa que a experiência com o PT e as alternativas da burguesia estão avançando rapidamente e o nosso Partido precisa ter audácia para ocupar esse espaço e, inclusive, tentar eleger um representante na Câmara. O mais importante foi que começamos a furar o bloqueio dos grandes veículos de comunicação. Levamos para a telinha nossa campanha, divulgando nossa atuação na greve da Saúde e as visitas aos bairros populares, como o Pilar, Tupi, Céu Azul e Vale do Jatobá. Vamos continuar insistindo que só a luta e a organização dos trabalhadores mudam a vida e chamaremos o voto no **PSTU**.

O fato de ser a única mulher na disputa ajuda?

Sim, por ser mulher, trabalhadora em Educação, uma categoria que se enfrenta de maneira mais organizada com a administração, mas, acho que também por ser socialista... É, é possível! Existe um espaço de oposição e de esquerda que nos pertence e pode ser que consigamos ampliar a audiência para as nossas propostas. A militância está chamada a disputar, com audácia, esse espaço.

BOCA DE URNA 16

POR ANDRÉ VALUCHE

PESQUISAS

PSTU pontua nas capitais...

Os candidatos do PSTU aparecem com bons resultados. Em Natal (RN), Dario Barbosa, está com 1,08% dos votos. Em Porto Alegre, Vera Guasso, está com 1,8%.

... e no interior de São Paulo

E nas cidades do interior de São Paulo, o PSTU já começa a pontuar nas pesquisas. Em Ribeirão Preto, a professora Fátima Fernandes, candidata a prefeita da cidade aparece com 2%. Em Campinas, a professora Silvia Ferrarro tem 1% na pesquisa e, em São José dos Campos, o metalúrgico e dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos, Luís Carlos Prates, o Mancha, está com 2%.

RIO DE JANEIRO (RJ)

E vai rolar a festa

No dia 13, vai rolar a festa da "Oposição de Esquerda a Lula e ao FMI" que lançará as candidaturas do PSTU à eleição municipal. O candidato a prefeito da cidade, será o bancário Octacílio Ramalho. Os candidatos a vereador pelo partido representarão categorias que fizeram história na luta dos trabalhadores. Por exemplo, Cyro Garcia, um dos principais dirigentes da categoria bancária. A festa será no Centro Cultural Camões, no centro do Rio.

GUARULHOS (SP)

Seminário discute programa

No dia 14 de agosto, Sandra Esteves, candidata do PSTU a Prefeitura de Guarulhos irá promover o seminário de programa da esquerda socialista para a cidade.

Correio Internacional

Publicação da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI) – www.litci.org

VENEZUELA DIANTE DO PLEBISCITO

DERROTAR O GOLPE INSTITUCIONAL

No dia 15 de agosto se realizará o plebiscito para definir a continuidade do mandato do presidente venezuelano Hugo Chávez. Se triunfar o "Sim", impulsionado pela direita venezuelana e pelo imperialismo ianque, Chávez deverá renunciar. Do contrário, caso prevaleça o "Não", permanecerá em seu cargo até o término do mandato. Polarizando a votação, Chávez afirmou que o plebiscito era entre ele e Bush. Ainda que a nova Constituição aprovada pelo chavismo preveja o mecanismo plebiscitário, condicionado a um determinado número de assinaturas exigindo-o, o plebiscito só acontece pela capitulação e pelo espaço que o próprio Chávez deixou aos golpistas em abril de 2002. A LIT-QI chama o voto pelo "Não", para derrotar o que seria um verdadeiro "golpe institucional" pró-imperialista.

Certamente, nesta posição coincidiremos com a maioria das correntes populares e de esquerda da Venezuela e da América Latina. Porém, a unidade neste ponto não pode ocultar o fato de que existam fortes polêmicas e que temos grandes diferenças acerca do caráter do governo Chávez, por um lado, e, por outro, acerca do que devem fazer os revolucionários diante dele.

UM LÍDER REVOLUCIONÁRIO?

HUGO CHÁVEZ é visto ora como um revolucionário anti-imperialista, ora como um nacionalista burguês

As definições de Chávez que faz a maioria dessas correntes podem ser agrupadas em dois grandes blocos. O primeiro o define como líder de um *"processo nacional revolucionário anti-imperialista"* em seu país e na América Latina. Na Venezuela, além do "chavismo puro", essa é a posição da *Coordenação Simón Bolívar*, do *Movimento 13 de Abril* e de inúmeros dirigentes sindicais e organizações políticas. Fora do país, compartilham com ela, entre outros, o Partido Comunista do Brasil (PCdoB, integrante do governo Lula), a corrente *Pátria Libre* da Argentina (cujos principais dirigentes acabam de ingressar no governo de Kirchner) e o setor que se expressa através do jornal *Le Monde Diplomatique*, especialmente em sua edição em espanhol. Trata-se de setores que defendem a concepção teórica da *"revolução por etapas"* e o frente-populismo ou que limitam os objetivos da luta a *"humanizar o capitalismo"* (como *Le Monde*).

Excede as possibilidades deste artigo resumir o longo e profundo combate que, por décadas, deram o leninismo e o trotskismo contra essas posições. No entanto, é importante dizer que essa caracterização se choca de frente com a realidade: Chávez não tocou seriamente em nenhuma das raízes de domínio capitalista-imperialista na Venezuela. Algo que, como veremos, é aproveitado a fundo pelos golpistas, que mantêm intactas suas bases econômicas. Por exemplo, a família Cisneros (uma das grandes impulsionadoras do golpe) mantém intactos seus bens. Entre eles, grandes meios de comunicação, que agitam contra Chávez.

Chávez tampouco mudou substancialmente o regime político burguês. Um claro exemplo é o próprio plebiscito, que pode obrigá-lo a renunciar para que a direita retorne ao poder. Em geral, essas correntes reivindicam globalmente a política chavista ou, no melhor dos casos, fazem leves críticas por suas "debilidades".

Manifestação em Caracas contra a tentativa de golpe em abril de 2002

UM NOVO PÉRON?

Outras forças, sem ir tão longe, o comparam com os dirigentes nacionalistas burgueses que, durante um período do século XX, se enfrentaram com os ianques, como o mexicano Lázaro Cárdenas, o argentino Juan Perón ou o guatemalteco Jacobo Árbenz. Lembremos que esses dirigentes encabeçaram movimentos e governos que tomaram algumas importantes medidas contra o imperialismo e seus aliados, como a estatização do petróleo e a reforma agrária no México ou a estatização de importantes ramos da economia argentina. Ao mesmo tempo, para se contrapor à pressão do imperialismo, apelavam para a mobilização controlada do movimento de massas. Para conseguir tal apoio, realizaram algumas concessões econômicas que melhoraram muito o nível de vida da população. Porém, inclusive em seu auge, estes dirigentes e movimentos tiveram dois limites inegáveis. Em primeiro lugar, nenhum deles avançou a fundo no enfrentamento com o imperialismo, ao qual finalmente terminaram capitulando. Ao não romper o marco burguês, o imperialismo manteve sólidas bases de apoio econômico-políticas e, em muitos casos, impulsionou sangrentos golpes de Estado. Em segundo lugar, para evitar a divisão das forças armadas "nacionais", se negaram a impulsionar a organização e o armamento dos trabalhadores para enfrentar esses golpes. A atitude de Perón frente ao golpe de 1955 (primeiro ao minimizar sua importância e depois ao fugir para o Paraguai), antecipa, nesse aspecto, a postura de Chávez em 2002, de se dirigir a quem o derrubava e dizer-lhes *"Terminem seu golpe e assumam as conseqüências"*. A diferença entre os dois golpes reside no fato de que, no caso venezuelano, os trabalhadores e as massas, apesar de Chávez, junto com setores médios e baixos das Forças Armadas, levaram adiante uma mobilização revolucionária que derrotou o golpe e reconduziu Chávez.

HUGO CHÁVEZ continua pagando pontualmente a dívida externa

Essa comparação é realizada, majoritariamente, por figuras e correntes provenientes do trotskismo, como o dirigente sindical venezuelano Stalin Pérez Borges, a UIT (*União Internacional de Trabalhadores*) representada no Brasil pela corrente do deputado Babá ou a corrente encabeçada pelo atual MAS (*Movimiento ao Socialismo*) argentino.

Como vimos, essa definição está muito mais próxima da realidade que a definição anterior. Porém, se transforma em um profundo equívoco se, ao mesmo tempo, não se coloca que, atualmente, as condições políticas e econômicas mundiais reduzem praticamente a zero as perspectivas de um desenvolvimento mais ou menos sustentado deste tipo de processo. Hoje não há possibilidades sérias de ter "jogo próprio" ou de melhorar as condições de vida dos trabalhadores e das massas sem atacar as raízes do sistema capitalista-imperialista e avançar em direção a uma revolução operária e socialista. É o que explica que as medidas anti-imperialistas de Chávez sejam muito mais débeis do que as que tomaram Cárdenas ou Perón. Como exemplo, Chávez, respeitou as concessões que a PDVSA (companhia petroleira estatal) havia feito, sob governos anteriores, às companhias estrangeiras. Ele também continua pagando pontualmente a dívida externa e aplica planos de acordo com as exigências do FMI.

As conseqüências dessa política é que, com Chávez, as massas venezuelanas não experimentaram praticamente nenhuma melhora em suas condições de vida e convivem com salários baixíssimos, inflação galopante e desemprego altíssimo.

DUAS PERGUNTAS

Por quê, apesar do enfrentamento muito limitado de Chávez com o imperialismo, este o ataca e quer derrotá-lo?

É que, nas atuais condições econômicas e políticas mundiais, que exige o saque cada vez maior de volumes de riquezas para sustentar os ganhos das multinacionais, o imperialismo ianque não pode permitir o menor sinal de independência. Menos ainda em um continente como a América Latina, atravessado por grandes mobilizações revolucionárias de massas e em um país como a Venezuela, que contribui com 25% do petróleo consumido nos EUA. Como afirma o jornalista Gustavo Fernández: *"Chávez empreendeu um plano de fortalecimento da OPEP que se chocou frontalmente com a política norte-americana de 'liberalização' do mercado petroleiro mundial, que não é outra coisa que um eufemismo para encobrir o controle planetário da produção de energia por parte das corporações transnacionais. Igualmente, se chocou com os aliados nacionais destas corporações que ... vieram promovendo a privatização da principal indústria petroleira nacional (...) Se bem que sejam tímidas as leis petroleiras de Chávez, hoje isso só basta para desatar a ira do norte"*

Por que, mesmo sem melhoras econômicas, um amplo setor das massas venezuelanas continua apoiando Chávez?

Há que se colocar que muitos desses setores receberam, sim, alguns pequenos benefícios. Em especial, com a chegada ao país de 10 mil médicos e professores cubanos, que atuam nos bairros mais pobres de Caracas e das grandes cidades, e com a doação de algumas terras fiscais a camponeses. No entanto, a questão central é que os trabalhadores e as massas compreendem, com certeiro instinto de classe, que um golpe e um futuro governo pró-imperialista serão para eles muito piores do que o governo Chávez. Ao mesmo tempo, a ausência de uma alternativa de direção revolucionária, capaz de mostrar um caminho distinto, ajuda a manter as expectativas no atual presidente.

POR UMA POLÍTICA REVOLUCIONÁRIA FRENTE AO PROCESSO VENEZUELANO

Este último ponto nos leva então à segunda questão: qual política devem ter os revolucionários na situação atual. A proposta dos que reivindicam Chávez como um "líder revolucionário", ou seja, a de seguir como uma sombra de sua política, leva, cedo ou tarde, a uma dura derrota das massas, tal como nos ensina toda a experiência histórica.

Por outro lado, a maioria dos grupos trotskistas, que por sua vez chamam à derrota do golpe militar ou institucional, lhes colocam muitas corretas críticas e exigências. Mas o que nenhum destes setores diz, é que, ao mesmo tempo, há que preparar a derrota de Chávez por parte da classe operária e do povo, para que o processo avance em direção a uma autêntica revolução operária e socialista. Nesse sentido, todos eles terminam capitulando ao governo chavista.

Ao dizer isto, não fazemos mais que voltar às fontes. Ou seja, à posição de Lenin, Trotsky e dos bolcheviques, entre fevereiro e outubro de 1917. Lenin explicava como atuar frente a um governo burguês, em seu caso o de Kerenski, que ainda contava com amplo apoio popular: *"Não depositar a mais mínima confiança nesse governo burguês, explicar pacientemente seu caráter e construir uma alternativa de poder da classe que se coloque contra o governo atual e postule um governo dos trabalhadores e do povo"*.

Essa foi a perspectiva estratégica que guiou toda sua ação. Em setembro de 1917, diante da tentativa de golpe contra-revolucionário encabeçada pelo general Kornilov, resumiu sua proposta na frase *"disparar contra Kornilov apoiado no ombro de Kerenski"*. O que significava essa política? Em primeiro lugar, a mais ampla unidade de ação com todos aqueles que estivessem a favor da derrota do golpe, incluindo o próprio governo e as forças que os apoiavam.

No caso venezuelano, se expressa no chamado a votar pelo "Não" no plebiscito, tal como em 2002 foi o chamado para derrotar o golpe cívico-militar. Em segundo lugar, uma política de exigências ao governo, de que ataque realmente os golpistas: que deixe de pagar a dívida externa, que exproprie seus bens e que prenda os responsáveis. Em terceiro lugar, impulsionar a mais ampla auto-organização das massas (aproveitando nesse sentido, processos novos como o surgimento da nova central sindical, a UNT), incluindo a necessidade de seu armamento, para enfrentar o golpe. Em quarto lugar, impulsionar a divisão das Forças Armadas burguesas, para conseguir que seus setores médios e baixos passem para o campo das massas.

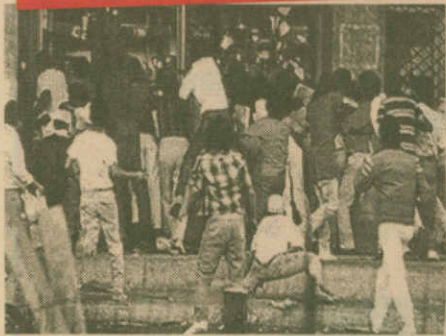
Tal como mostrou a própria Revolução Russa, uma política desse tipo não só foi a melhor forma de derrotar o golpe, senão o caminho para preparar o triunfo da revolução operária e socialista. Aprendamos com essas lições e as levemos adiante na Venezuela.

QUE CHÁVEZ FAÇA UM CHAMADO A UM MOVIMENTO LATINO-AMERICANO CONTRA O IMPERIALISMO!

Venezuelanos com faixa: "Gringos, já não somos mais seu quintal"

Sabemos que muitos companheiros latino-americanos têm expectativas que Chávez encabece um grande movimento anti-imperialista continental. Nós não compartilhamos essas expectativas, mas propomos a esses companheiros que exijam de Chávez que ataque as principais ferramentas atuais de dominação imperialista: que saia das negociações da Alca e que rompa com o FMI e que suspenda o pagamento da dívida externa. Ao mesmo tempo, que lance um grande movimento latino-americano por esses pontos. Como assinalamos, não acreditamos que Chávez faça isso, mas, se fizer, a ***LIT-QI*** *e seus partidos, como o* ***PSTU****, estarão na primeira fileira para impulsionar esse processo.*

UM POUCO DE HISTÓRIA

1989 - O CARACAZO

O atual processo venezuelano foi iniciado com o *"caracazo"*. Em fevereiro de 1989, uma insurreição operária e popular contra o governo de Carlos Andrés Pérez colocou em crise todas as instituições do país e foi duramente reprimida, gerando cisões inclusive nas Forças Armadas.

Desta crise surgiu um setor de oficiais que rompeu com o governo Pérez e se agrupou em torno de Hugo Chávez, que em uma tentativa de dar resposta a essa situação, encabeçou uma tentativa de golpe militar, em 1992. Mesmo preso, Chávez começou a ganhar prestígio entre os setores operários e populares, porque aparecia como oposição ao "Sistema".

Carlos Andrés Pérez renunciou em 1993, fruto de novas mobilizações populares, e as eleições foram ganhas pelo veterano dirigente burguês Rafael Caldera. Em segundo lugar, ficou o dirigente sindical metalúrgico Andrés Velásquez. Em 1994, por exigência popular, Caldera libertou Chávez, que começou a formar sua própria corrente política. Em dezembro de 1998, a coalizão eleitoral de Chávez ganhou as eleições presidenciais e assumiu no início do ano seguinte.

O GOVERNO CHÁVEZ

A política chavista pode ser analisada em três aspectos.

Em relação à economia, continuou pagando pontualmente a dívida externa, aplica planos de acordo com as exigências do FMI e não tocou seriamente nos interesses de nenhum forte setor burguês nacional ou imperialista. Promulgou leis de Hidrocarbonetos, da Terra e da Pesca que, apesar das críticas burguesas, não significaram nenhuma transformação importante. Na área petrolífera, manteve a PDVSA como empresa estatal, mas nunca propôs reverter a abertura que permitiu a entrada das multinacionais na exportação do petróleo venezuelano.

No terreno institucional, modificou a Constituição, prejudicando os velhos partidos patronais (COPEI e ADECO), mas as mudanças se mantiveram claramente dentro do marco do Estado e do regime burgueses.

No plano da política exterior é onde Chávez se mostrou mais independente do imperialismo ianque, ainda que essa independência tenha se expressado mais em "gestos" do que em uma ação política permanente. Ele criticou a Lei Anti-terrorista de Bush, aliou-se a Fidel Castro, visitou Sadam Hussein, quando este ainda governava o Iraque, e o líder líbio Anuar Gadafi. Também negou-se a permitir a entrada de aviões militares norte-americanos no espaço aéreo venezuelano, inclusive na guerra do Iraque.

Fez gestos de aproximação com Lula e Kirchner assim que se elegeram presidentes, apresentando-se como alternativa "bolivariana", mas encontrou da parte desses governos uma preocupação muito mais forte em não fazer gestos que alarmassem o imperialismo, do que posar de nacionalistas para Chávez.

É bom que se diga que o comportamento cúmplice de Lula e Kirchner, inclusive enviando tropas ao Haiti para substituir as tropas ianques que serão enviadas ao Iraque, faz com que alguns setores da esquerda vejam mais positivamente Chávez, pela diferença de tratamento que tem por parte do imperialismo. Mas aqui há que esclarecer que o fato de que Lula seja um talibã do neoliberalismo não faz de Chávez, pela negação, um resoluto combatente anti-imperialista.

Ainda que isso mostre o grau de submissão de governos como o de Lula, também nos faz perguntar: O que esperava Chávez? Por que não chama a mobilização dos povos latino-americanos, como fez Bolívar? Hoje vivemos um momento em que as massas latino-americanas, e, em particular, da América do Sul, vivem ou viveram ascensos e vários processos revolucionários contra o imperialismo e seus planos, como na Bolívia, no Peru, na Argentina e no Equador. Em uma situação como essa, um chamado claro, de um governo de um país importante e agredido, pela unidade revolucionária contra o imperialismo, para não pagar a dívida, para romper com o FMI, para expulsar o imperialismo que rouba nossas riquezas, teria uma aceitação multitudinária.

Porém, isso para Chávez ameaçaria despertar um processo que poderia ultrapassar os limites do "Sistema". E, por isso, ele é incapaz de fazê-lo e acaba por ficar na dependência dos governos "amigos", que acabam de demonstrar a quem servem.

O GOLPE DE 2002

Apesar dessas profundas limitações, o imperialismo ianque decidiu apoiar e impulsionar a tentativa golpista de setores burgueses venezuelanos: o 11 de abril de 2002. Para montar o golpe, formou-se uma aliança contra-revolucionária que incluía o fugaz presidente Pedro Carmona Estanga, dirigente da Federação de Câmaras Patronais, a alta hierarquia da Igreja, os donos dos grandes meios de comunicação, altos oficiais militares, políticos dos velhos partidos patronais, a alta burocracia da empresa estatal petroleira (PDVSA) e os setores mais pelegos da velha burocracia sindical.

Chávez não enfrentou militarmente o golpe nem, muito menos, chamou a resistência popular. Isso se viu claramente quando declarou àqueles que o derrubavam: *"Terminem seu golpe e assumam as conseqüências"*.

O certo é que foi derrotado e detido. Quem derrotou o golpe foi a insurreição de massas de 13 de abril, uma ação superior e mais organizada que o próprio *"caracazo"*, que, com grande valentia, cercou o novo poder e o pulverizou. Com a derrota do golpe, o processo revolucionário venezuelano entrava assim em uma fase distinta e superior, com uma crise ainda maior das Forças Armadas e das instituições burguesas. Naquele momento crítico para a burguesia e o imperialismo, estes consideraram que a volta de Chávez representava o "mal menor" e a única possibilidade de controlar o movimento de massas.

DORMINDO COM O INIMIGO

Ao reassumir, a política de Chávez foi absolutamente conciliadora com os golpistas, a ponto de não tomar nenhuma medida contra os conspiradores. O único preso foi Pedro Carmona, que logo se refugiou na embaixada da Colômbia. Os outros líderes civis e militares não sofreram nenhuma punição. Tampouco houve ações contra empresas dos países que inspiraram e respaldaram a tentativa de golpe, como os EUA e a Espanha. Sobre isso, Chávez declarou: *"Não vou fazer com eles o que fizeram comigo"*.

Não é casual, então que a conspiração patronal-imperialista continue, ainda que por outros meios. Em dezembro de 2002, a patronal tentou uma espécie de locaute, buscando paralisar a indústria e o comércio e, em particular, a produção de petróleo. Depois de uma luta duríssima que levou vários meses, a patronal e seu locaute foram derrotados pelas massas organizadas nos bairros operários e populares e nas indústrias. A saída desse processo para o imperialismo foi uma pressão democrática, que contou com a colaboração direta de Lula que, com a autoridade de "esquerda" e de amigo de Chávez, convocou um grupo de países para buscar uma saída negociada entre governo e oposição venezuelana, no marco das instituições democráticas. O grupo foi chamado de *"Amigos da Venezuela"*, mesmo sendo integrado pelos governos dos EUA e da Espanha.

Por isso, os oposicionistas golpistas, derrotados, passaram a procurar uma via institucional, como a coleta de assinaturas para a realização do plebiscito, mecanismo previsto na nova Constituição. Ao mesmo tempo, os responsáveis por várias mortes nas duas tentativas de golpe e seus inspiradores, como o prefeito de Caracas, ficaram livres para continuar articulando a política pró-imperialista.

OS DONOS DO PAÍS

Uma pesquisa do jornalista Simón Jesús Urbina revela que 31 grandes grupos econômicos, associados ao imperialismo, controlam a maior parte da economia nacional. Com exceção da PDVSA, são donos de praticamente tudo: bancos, campos, indústrias, meios de comunicações etc. Juntos, somam capitais da ordem de US$ 151 bilhões. Entre eles, estão muitos dos que impulsionaram o golpe de abril de 2002. Chávez não tocou neles. Eles são:

Grupo Pilar: *US$ 10 bilhões.*
Gustavo e Ricardo Cisneros: *US$ 9 bilhões.*
Oswaldo Cisneros: *US$ 8 bilhões.*
José Álvarez Stelling: *US$ 8 bilhões.*
Familia Wollmer: *US$ 8 bilhões.*
Familia Delfino: *US$ 7 bilhões.*
Miguel Ángel Capriles: *US$ 6 bilhões.*
Armando de Armas: *US$6 bilhões.*
Salomón Cohen: *US$ 6 bilhões.*
Familia Pizzorini: *US$ 5 bilhões.*
Hans Neumann: *US$ 5 bilhões.*
Grupo Central Madeirense: *US$ 5 bilhões.*
Familia Dimasse: *US$ 5 bilhões.*
Nelson Mezehane: *US$ 5 bilhões.*
Julio Sosa Rodríguez: *US$ 5 bilhões.*
Grupo Phelps: *US$ 5 bilhões.*
Beto Finol: *US$ 4,5 bilhões.*
Sixto Martínez: *US$ 4 bilhões.*
Damilia Domínguez: *US$ 4 bilhões.*
Familia Veluntini: *US$ 3,5 bilhões.*
Humberto Petricca: *US$ 3,5 bilhões.*
Familia Mendoza: *US$ 3 bilhões.*
Andrés Mata: *US$ 3 bilhões.*
Luis Ángel Pérez: *US$ 3bilhões.*
Celestino Díaz: *US$ 3 bilhões.*
Iván Darío Maldonado: *US$ 3 bilhões.*
Nelson Levy: *US$ 3 bilhões.*
Familia Ulivi: *US$ 3 bilhões.*
Pablo Cevallos Eraso: *US$ 3 bilhões.*
Familia Berrizbeitia: *US$ 3 bilhões.*
Familia Pérez Dupuy: *US$ 3 bilhões.*